

A cidadania ausente está cada vez maior. Ela se explicita nos mais de 30 milhões de brasileiros famintos, nos milhões de analfabetos, no clientelismo, no assistencialismo, na falta de interesse que os estudantes têm em relação ao conhecimento e que educadores têm por uma educação decente, com a nossa falta de sensibilidade diante da discriminação e da miséria. Uma educação para a cidadania precisa elucidar os fatos e buscar caminhos alternativos de soluções, buscando ser competente tanto em seus aspectos técnicos, quanto em seus aspectos políticos, de formação de um sujeito crítico, autônomo e livre. Precisa também resgatar a sensibilidade, capaz de fazer uma pessoa indignar-se diante da miséria e da opressão.

Para Ferreira (1993), "podemos dizer que a educação para a cidadania passar por ajudar o educando a não ter medo do poder do estado, a aprender a exigir dele as condições de trocas livres de propriedades, e, finalmente, a não ambicionar o poder como forma de subordinar os semelhantes. Esta pode ser a cidadania crítica que almejamos. Aquele que esqueceu suas utopias, sufocou suas paixões e perdeu a capacidade de se indignar diante de toda e qualquer injustiça social não é um cidadão, mas também não é um marginal. É apenas um nada que a tudo nadifica".

Nesse contexto, uma questão merece ser analisada: estamos sempre, em nossos encontros, seminários, congressos e publicações, discutindo os problemas relativos à educação, seja em seus aspectos técnicos políticos ou pedagógicos. Vários trabalhos apresentam soluções alternativas e, apesar disso, continuamos a obedecer as regras do mesmo modelo que questionamos. Gadotti (1992), coloca que "o intelectual pensa ser esperto, mas de modo geral o sistema vigente é ainda mais. O sistema descobriu também que a crítica sem prática lhe serve muito, pois incute a idéia de democracia das idéias. É muito bom que exista o crítico, desde que não seja prático, porque com isto o sistema pode apregoar que não reprime quem tem idéias opostas". Não podemos negar que, na maioria dos casos, existe uma grande contribuição em nossa práxis educativa, ou seja, existe um descompasso entre o que discutimos sobre a questão da cidadania e as nossas ações pedagógicas. Estas, permeadas por uma forma que

castra a participação dos sujeitos.

Como pode alguém ser cidadão se não é autônomo, se o seu potencial criativo é desconsiderado? Se é doutrinado para ser mais uma engrenagem funcionalista? Esse modelo tem que ser transformado. E o trabalho do educador é importantíssimo para essa transformação.

Sabemos que existe uma indústria de sucateamento da educação e as vezes nos sentimos impotentes para lutar contra ela. Vários são os fatores que dificultam a nossa luta, como a baixa remuneração e as precárias condições de trabalho oferecidas pelos estabelecimentos de ensino. É muito difícil, por exemplo, trabalhar com um educando que vai para sala de aula com o pensamento que estudar é apenas um sacrifício necessário à ascensão profissional, sem estar preocupado com o conhecimento e com as discussões políticas e sociais, com os aspectos humanos daquilo que está estudando. O nosso trabalho em sala de aula é também uma luta contra a manipulação de comportamentos e desejos, promovida pelas várias instituições que nos atravessam (família, religião, escola, Estado, e principalmente, a mídia).

A luta pela transformação é, de fato, contra um sistema institucional muito poderoso: O sistema de produção de subjetividade, ou seja, o sistema de condicionamento do comportamento, de captura do desejo, de destruição da sensibilidade, bases do sistema capitalismo.

Guattari (1987), nos fala de dois tipos de luta: molaes e moleculares. As lutas molaes, são aquelas a nível das grandes organizações (partidos e sindicatos) e movimentos (Movimento pela Ética na Política, Ação contra a miséria), mas não são suficientes. As lutas moleculares ou as micro-evoluções são as lutas das minorias, dos pequenos grupos, são as intervenções que podemos fazer no nosso cotidiano. Entretanto, o molar e o molecular devem estar articulados. Ou seja, lutar por um sistema de educação decente é fundamental, mas as ações em sala de aula são também muito importantes, na medida em

que nenhum projeto consegue êxito enquanto não é apropriado pelos agentes do processo.

Acreditamos que, para reinventarmos a educação, precisamos de um pouco mais de coragem. Coragem para questionarmos as instituições (inclusive a instituição cotidiano), para inovar nossos métodos, para não nos tornarmos escravos dos planejamentos, para não nos deixarmos capturar pelas necessidades do mercado e esquecermos da vida, para intervirmos em nós mesmos e seremos instituintes ao nosso próprio atuar.

A reflexão que propomos passa por uma análise da relação existente entre nossas ações pedagógicas e o modelo vigente, o mesmo que questionamos. Em outras palavras, o que quero dizer é que a nossa prática em sala de aula é uma prática reprodutora desse modelo, e tornou-se parte importante para o seu sucesso.

Se entendermos que a transformação social deve passar obrigatoriamente pela transformação da escola atual em uma escola de qualidade, é fundamental que o educador esteja implicado afetiva e politicamente, com uma educação para a cidadania, buscando fazer com que seus conteúdos e técnicas, sejam ele quais forem, privilegiem o raciocínio lógico e uma abordagem reflexiva constante, ajudando o educando a ler criticamente o mundo, de modo que ele perceba, por exemplo, a reflexão do discurso de uma vida saudável com a indústria de vitaminas, do roubo de um par de tênis com a propaganda do mesmo tênis na TV, da norma culta da língua e da tecnologia com a exclusão social, do uso pejorativo da palavra "negro" com o racismo, entre outros.

Demo (1992) destaca de forma interessante o papel do educador: "Do educador espera-se que saiba motivar esse processo de questionamento crítico e criativo. Na linguagem grasmiana, espera-se do educador que seja capaz de colaborar na construção da contra-ideologia. Esta, porém, não se restringe à consciência crítica política, mas engloba igualmente a construção de um projeto alternativo, de caráter produtivo também".

Enfim, podemos dizer que o papel da Instituição Educativa principalmente a do educador é ajudar o educando a tornar-se Cidadão. E ser

Cidadão é não ter medo de transformar, é ser questionador, é ser consciente do seu compromisso profissional. é não perder-se enquanto ser desejante, criativo e interventor, é revoltar-se diante da injustiça, é não ter medo de aventurar-se pela felicidade.

(Grupo de Reflexão Pedagógica).

Ano I - Número 0 - Agosto/Setembro 1994.

Equipe do Jornal

Adriana Quintan

Alessandra Fontes

Alexandre do Nascimento

Antônio Dourado

Elisabete Nascimento

Luciano de Santana

Nilton Júnior

Rute Fernandes de Oliveira

Sérgio Max Manhães

Sônia Maria Moreira

Sede do Jornal

End.: Rua Antônio Hermont, 107

São Mateus - São João de Meriti - RJ

CEP : 25530-640

Telefones : 756-0451 e 756-2142

(Paróquia de São Mateus)

Editoração Eletrônica e Composição de Arte

Marcus Vinicius de Mattos Russo

Telefone : 756-3771